

RelevO

fevereiro/2023, n. 6, a.13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704

Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos

O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações dessa edição são de **Noah Mancini** (cargocollective.com/noahmancini).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 35 Elizabete Berberi; Lorenza Ribeirete; R\$ 60 Brenda Vicente Taketa; R\$ 70 Andréa Mascarenhas; Marina Grandolpho; Julie Oliveira; Adriano Leite; Felipe Galvani; Renato Bueloni Ferreira; Daniel Lima; Rodrigo Gonçalves; Adriana Gama de Araújo; Betina de Tella; Marina Domingues; Alanna Ajzentel; Elton dos Santos Francisco; Gustavo Martins; Rafael Roefero; Lucas Delfino; Leonardo Migdaleski; Vinícius Fernandes Cardoso; Letícia Copatti Dogenski; Camila Lourenço; Sonia Prota; Daniel Batista de Siqueira; Eduardo Pereira; Matheus Chequim; Lucas Cobene; Samuel Martins; Rafael Sobral; Carolina Bataier; Claudio Parreira; Yuri Rodrigues; Madelon Schizzi; Rafael Roefero; Sandro Dalpícolo; Thélío Queiroz Farias; Rosana da Silva Cuba; Fernanda Cercal Odppes; Isabela Castro; Antonio Aílton; Lucas Morais; Ana Sena; Isadora Muniz Vieira; Maria de Souza Guedes; Mylena Bianca Meloto; Roberto Dutra Jr.; Juares Cognato; Padre Valdir Irineu Backmann; Rômulo Cardoso; Eduarda Vidal; Karin Oliveira Silva; José Eduardo Degrazia; R\$ 100 Rafael Zaina Gonsalves; R\$ 105 Eduarda Carra; Cristiane Mateus; Natália de Castro; Paulo Parucker; Ana Paula França; R\$ 120 Zaclis Veiga; R\$ 140 Igor Livramento; Rodolfo Melo; Rafaella Lins; Marcella Lopes Guimarães; David Milano; Luize Ribas; Morgana Volkart; Marina Victal; R\$ 150 Elieder Corrêa da Silva; R\$ 360 Amanda Vital.

TOTAL: R\$ 6.005

ANUNCIANTES:

R\$ 30 Alienígena; R\$ 200 Editora Penalux; R\$ 120 Gato Preto Livros; R\$ 70 Leila Menezes; R\$ 100 William Soares dos Santos

TOTAL: R\$ 520

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.720
Escritório: R\$ 310
Embalador: R\$ 50
Embalagem: R\$ 200
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor-executivo: R\$ 130
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Infografia: R\$ 130

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 2.000

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 130

(+) Entradas totais: **R\$ 6.525**

(-) Saídas totais: **R\$ 6.560**

(=) Resultado operacional: **- R\$ 35**

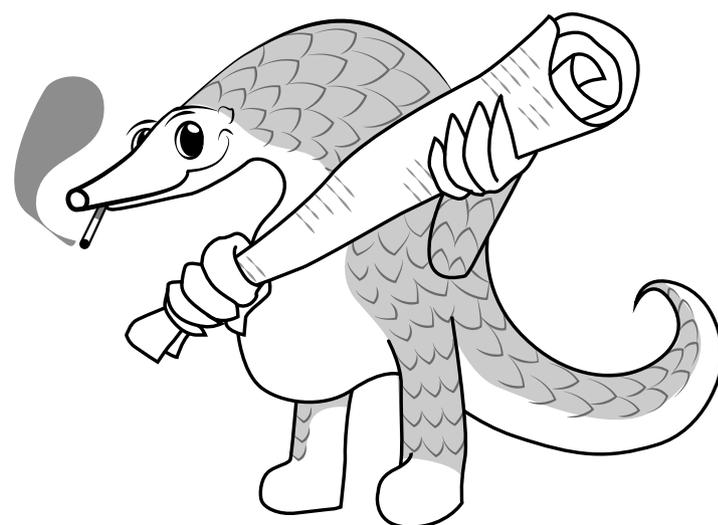
Fevereiro/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 27 de janeiro de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brebatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

ENCONTROS E DESENCONTROS

Elieder Corrêa da Silva Dezembro é o mês das correrias, dos encontros e desencontros, só hoje senti pra ler o **RelevO**. Normalmente começo pelo final. Porém, ao ler a seção de cartas e o título JORNAL PASSANDO VERGONHA, interessei-me. Putz! Quanta gente desagradada. Não é meu caso. Cheguei, então, na carta da Márcia Arantes. Gostei. Resolvi escrever pra ela, pois vejam: “Olá, Márcia Arantes! Das três certezas mencionadas por você, conheço uma. Assim parabeno pelas outras duas, hahaha. Os descontentes com o Jornal apresentam os motivos, dão sugestão, pergunto: ficará por isso mesmo? Sabe, Márcia... Aquilo que você disse sobre aparecer, querer ver o produto estampado, minimamente em algum espaço público, vender o produto, ou apenas mostrar... Aparecer no **RelevO** dá status, né? Aí não aparece... zanga-se. Quanto às bienais, estive, acho que em 2019, na Bienal do Rio de Janeiro, bienal polêmica, lancei livro infantil, distribuí “de grátis” 😊, fui mais pra festejar. Quanto à saturação que você propõe, te digo: “já passei da idade”. Passei da idade de querer grandes coisas, só que ainda as quero, fazer o quê?, contra a tal vontade, sei que vontade dá e passa, retorna: aí continuo nas escritas. Olha só, sou d’um tempo em que a comunicação era feita via cartas, acho que por isso resolvi escrever-lhe. Por hoje é isto. Meu abraço”. Ah, também gostaria que esses que estão abandonando o “barco” ponderem, não desistam da assinatura do Jornal. Eles precisam, nós precisamos da boa literatura e, quem sabe, o editor não publique nossas “porcarias” em edição especial para testar a audiência?

UM BOM DIÁLOGO

Jornal RelevO Cícero, tudo bem? Aqui é o Daniel Zanella, fundador do **RelevO**. Que acha de, numa dessa, assinar o nosso Jornal?

Cícero Lopes Tu deve ser de esquerda né não negocio com esquerda sai daqui.

OMBUDSWOMAN

Iata Anderson Ô seus lindões. Só vim dizer o óbvio: a edição de janeiro tá maravilhosa e a Amanda Vital chegou rêgaçando como ombudswoman. Sucesso. Rumem.

Guilherme Coelho É muito generoso da parte de vocês mandar uma edição de cortesia para quem não os conhece. Fico até meio culpado de aceitar. Mesmo não sendo relevante dizer isso, como gostei da proposta e quero experimentar, estou pretendendo assinar alguns planos e comprar alguns livros assim que conseguir uma nova renda estável, e este Jornal, com certeza, estará na minha lista. Desde já, eu fico muito grato pela cortesia de uma edição. ♥

Wesley Loose Recebi, no primeiro dia útil do ano, o primeiro exemplar do **RelevO**. Sensação boa a de voltar a ler um jornal em papel com conteúdo bacana. Agradeço pela edição de novembro (especial Copa) que veio junto. Sucesso pra 2023.

SÉRIO, TRÁGICO OU CÔMICO?

João Vítor Castro Não sei bem o que é o **RelevO**. É impresso ou digital? Qual o conteúdo? É sério, trágico ou cômico?

Claudia Camargo Sobre a edição de dezembro de 2022: gente, o que são as “36 Biografias encontradas em aplicativos de webnamoro”, de Yuri Araújo? Ri muito! Fiquei pensando se são citações reais mesmo... no fim, concluí por mim mesma que devem ser, porque é o tipo de coisa que a gente costuma ver nesses apps. Divertido! Não tanto quanto a linguíça Blumenau, de Dédalo Neves. Me identifiquei, o que posso fazer?

Antônio Albuquerque Eu até gosto do conceito de ombudsman de vocês, mas até isso vai mudar com a novilíngua? Ombudswoman...

Raul Paiva Oi, pessoal, só escrevendo pra falar que chegou tudo certinho aqui! Viajei uns dias antes de as coisas chegarem e só voltei pra casa ontem. Muito obrigado e parabéns pelo trabalho!

João Gabriel Gaspar Bom dia, queridos do **RelevO**. Meu nome é João Gaspar, sou assinante do jornal. Tenho assuntos para tratar com vocês neste e-mail. Gostaria de agradecê-los pelo mimo enviado: baita trabalho este *Oriki* [livro enviado de brinde no plano de patrocinador], do Vinicius Ferreira — curti-lo ao som dos Racionais MC's ao fundo é pura imersão nos outros Brasis que não vemos ou que, por vezes, intentamos desver. Muito grato!

Camila Passatuto Começar o ano com um artigo no Jornal e projeto que eu admiro demais é bom. Esse artigo sobre o livro *Em Conflito com a Lei* do escritor e “lavoureiro” Lucas Verzola é animador, combativo e necessário. Começar o ano com a Amanda Vital como a ombudswoman do **RelevO** é gostoso demais da conta. Recomeçar o reencontro com as palavras, com os seres e mares de letras... É um quisto de divino. Muito obrigada.

Fernando Rodrigues ...e a palavra, na frente dos olhos, é como o relevo dos sentimentos.

Alexandre Guarnieri Um 2023 cheio de relevos! Evoé, **RelevO**!

Artur Fulinaíma 2023 de altos **RelevOs** para todos nós!

Rozana Gastaldi Cominal E a gente fica contando os dias para apreciar os Jornais de 2023.

CAPA DE JANEIRO

Zeh Gustavo Capa toda lindosa!

Douglas Laurindo Espaço e trabalho lindos. Parabéns pela caminhada e feliz 2023!

VICIADOS

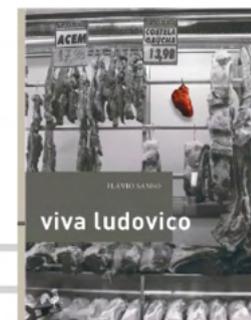
Ramon Manfredini Chegar em casa e ter um pacote de periódicos me esperando para as primeiras leituras de 2023 não tem preço.

Shana Emanuelle Ramon, recebi esse mesmo pacotinho quando cheguei em casa pós-viagem de final de ano.

Valentina Gava Chakr Adorei o poema “O que fazer com um poema guardado”, da Carolina Bataier, e que li no **RelevO** de janeiro.

BERIMBAU

Feliciano Tavares Monteiro Caros! Confesso que gostei muito da edição de janeiro e achei espetacular as centrais com “Lições de vida de quem já nasceu rico: um guia de (...)”. E também apreciei muito o texto de suspense, aterrorizante, e os poemas. O jornal merece se perenizar: parabéns! O ano do tigre foi de guerra, conflitos e incêndios — o poeta Vinicius, um pacificador, fez muita falta. Mas espero que o ano do Coelho seja melhor para o povo do Brasil e nos traga muita paz.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Jornal de papel como experiência coletiva

APOIADORES



Tivemos quase 170 edições para observar e comprovar: um jornal impresso de papel e de literatura não existiria sem uma comunidade. Ao longo de quase 13 anos, passamos por diversas intempéries da vida: jornal com ares de jornal de faculdade, jornal de um desempregado pós-faculdade, jornal com ambições nacionais, jornal que se organiza como o esquema tático de um clube emergente, mas de pouca torcida— sabendo que briga primeiro contra a ZR e depois se estabiliza na busca por vaga em competições intermediárias. Lidamos com o aumento de custos de tudo, com uma pandemia que matou quase 700 mil brasileiros (inclusive colaboradores e assinantes), com a diminuição de nossa arrecadação, enfim: passamos por diversos ciclos que nos trouxeram alguns padrões comportamentais, por assim dizer, e que, sobretudo, nos trouxeram até aqui.

O **RelevO** não arrisca mais do que é capaz de manter. Temos dificuldades, mas você certamente nunca ouviu um “o **RelevO** não pode acabar”. Não queremos acabar; no entanto, também não queremos que o assinante pense que estamos prestes a acabar (muito menos que o país precisa de nós). Assim, estruturamos uma operação para tentar controlar o controlável: o tal Risco Brasil. Com operação enxuta, prestação pública de contas e uma possível retomada econômica — que podemos até constatar como certo otimismo para 2023 —, voltamos a expandir nossa circulação, o que resultou em dois meses de prejuízos (com o qual já contávamos). Aumentou nosso custo, ainda não aumentou nossa receita, porém isso era esperado.

Desde o começo de dezembro, voltamos a entrar em contato com livrarias, cafeterias e pontos culturais para fazer o envio gratuito do Jornal. Gratuito em partes: quem financia o envio são os assinantes que adquirem os planos especiais de apoio à nossa distribuição. Antes da pandemia, disparávamos o **RelevO** para mais de 300 pontos, algo sem dúvida acima da nossa capacidade logística de absorção. Não à toa, com a pandemia, interrompemos a circulação em pontos físicos e conseguimos, por outro lado, finalmente remunerar todas as pessoas que trabalham em nossa estrutura, da distribuição aos autores e autoras. Pagamos pouco, mas pagamos — em um meio encharcado de trocas de favores e cobranças para publicar (“todo dia um malandro e um otário...”).

A pandemia de dois anos apertou o cerco logístico e o financeiro. Tivemos queda de 20% de nosso faturamento. Ao mesmo tempo, aqui estamos, com novos planos e com aquilo que, sem dúvida, foi o que nos trouxe até fevereiro de 2023: a nossa comunidade. Atualmente, enviamos o jornal a 120 pontos espalhados pelo Brasil todo, além de 150 bibliotecas comunitárias. Nossa meta para 2023 é audaciosa: chegar a 600 pontos, mandando exemplares para todos os estados e, principalmente, para espaços fora dos grandes centros urbanos.

Entendemos que esse plano vai ao encontro de pilares institucionais muito caros para nós, como a descentralização e o acesso a quem não tem condições de nos assinar. Acreditamos que, com mais 200 assinantes, consigamos sustentar essa distribuição mensalmente — também estamos estudando a criação de uma associação de apoio à distribuição do **RelevO**, formada por contribuintes que sejam algo como o patrocinador master do Jornal. Em valores absolutos, precisamos de R\$ 5 mil a mais para cobrir o Brasil todo com o nosso periódico.

O **RelevO** não é obra de um gênio, de um abnegado, de um filantropo, de um rico entediado, de quem faz cavadinha na hora de bater pênalti. Somos a soma de procedimentos com uma comunidade. Não somos uma experiência individual e não praticamos a arte do consenso, bastando verificar nossas cartas e os nossos ombudsmanatos. Acreditamos muito em produções e construções que agreguem o esforço de um grupo sem que isso represente a perda de uma suposta identidade. O grupo que representamos é o de nossos assinantes. Acreditamos que são vocês que nos escolhem, por R\$ 70 ao ano ou mais, para ler um periódico de papel por mês. E agora queremos que isso chegue para mais pessoas — simples assim.

Uma boa leitura a todos.

Amanda Vital

es·ti·lo

(latim *stilus*, -i, instrumento com haste pontiaguda, instrumento para escrever nas tábuas enceradas)“estilo”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008–2021

Car_s leitor_s, tem uma coisa que me pega aos pouquinhos — cada vez um pouco mais — lendo a seção de cartas do Jornal. É um argumento-questionamento que vem aparecendo intermitentemente já há algum tempo, e não me lembro se os ombudsmen/women anteriores falaram sobre isso. Se sim, venho endossar o coro. Falo desse argumento que une tanto o possível leitor que não quer assinar o Jornal (e precisa dar uma justificativa qualquer) até o autor que foi rejeitado e quer cancelar a assinatura (e não quer ver o editor nem pintado de ouro): “ah, é que o **RelevO** não faz muito meu estilo”. Eu não queria deixar isso passar na minha curta estadia por aqui — e ainda vou falar de rejeição de textos e sobre jornal impresso, numa outra altura, que também queria poder dar um pitaco ou dois. Mas já agora, pergunto: o que é, na realidade de um jornal literário generalista, ter um estilo? Como ele é alcançado? O que é preciso fazer para receber um rótulo de estilo? Ter esse rótulo é necessariamente saudável e bom?

Minha reflexão vale o que vale. Mas penso que a partir do momento em que um veículo de literatura define sua curadoria, e aqui simplifico bastante por ter muitas outras subjetividades embaixo disso, em **1.** o material ter um traço de qualidade marcante; e **2.** todos são bem-vindos, renomados ou não, cabe uma pluralidade de estilos dentro dessas duas premissas. Do soneto ao verso livre, da prosa contemporânea experimental ao fragmento de romance tradicional com ares mais clássicos, do tradutor literal ao inventivo, do ensaio acadêmico catedrático ao literário mais híbrido.

E fuja das formas, também, e digamos do conteúdo — do esportado que sai daquele conto erótico do escritor frequentador de sarau temporão em taberninhas (aquele que geralmente pega o microfone pra ler um Bukowski, uma Hilda Hilst ou um beat norte-americano), do poeta escrito a partir de *slam* de uma feminista de rua intervencionista (muitos dizem “panfletário” para tentar diminuir essa

possibilidade de existência da poesia, porque “ai, meu Deus, feministas não-acadêmicas querendo espaço aqui no templo sagrado da poesia, falando de liberdade sexual, de igualdade de direitos e de pelos nas axilas, assim, como se não fosse nada de mais, isso é um absurdo”), das diferentes formas de beber de fontes — e todas as fontes são potáveis e próprias para consumo.

No veículo generalista, a literatura é viva e vai sendo universal em seu melhor, abrangente mas sem cirandinha, porque aquela premissa **1** é, no fundo, seu próprio estilo editorial. É um passo mais à frente após décadas de suplementos literários feitos apenas por convite, restritos a elites literárias, privilegiando amigos, políticos e familiares. E que, vamos ser sinceros, esses é que publicavam sempre mais do mesmo: a seleção de textos não circulava muito, reclusa a algumas dezenas de autores.

Por isso, o conceito de “jornal generalista” me aparece em mente: porque vejo esses jornais e revistas, físicos ou digitais, como veículos amplamente democráticos e abertos a todos os públicos, que não querem ser especializados num determinado recorte (ex: publicar só autores modernistas, só autores concretistas, só autores contemporâneos, só sonetos de amor, etc. Sim, mas isso tudo faz sentido em termos de estilo mesmo assim. Porque existe o fator curadoria que não deixa tudo virar farofa da Gkay, com a seleção de bons textos que as pessoas podem gostar de descobrir (e é saudável e bom descobrir coisas novas), porque são e estão fazendo o presente na literatura. Porque a curadoria editorial é e está fazendo o presente da crítica literária no país. Essa crítica que “anda tão sumida, cadê ela?”, e segue assim, nos bastidores. Esse estilo que rabisca as tábuas enceradas e vai grafando fragmentos da história da literatura.

A Camila Passatuto, excelente poeta, aparece na última edição com um ensaio — que não quero dizer “sobre a obra de”, mas que “parte da obra de” Lucas Verzola, para a dissertação, entre as diversas provocações da obra,

do “consumir-produzir literatura”, da produção entre empecilhos do contemporâneo. E deu muito certo. A transição entre estilos é o necessário para canalizar um ímpeto que seria para um canal já atravessado com alguma frequência, na escrita e na reflexão, em um outro exercício que pega em prestado o traquejo do trajeto anterior. Lúcido, esclarecedor e com uma abertura bonita que a Camila tem sobre a literatura em ação.

O delicioso “brincadeiras”, de Camila Lourenço, é a justa medida entre a denúncia da disparidade de visão da sociedade sobre meninas e meninos da mesma idade e o alívio de uma brincadeira consensual das primeiras experiências — chegamos a um ponto em que se é consensual, é um alívio —, que também anda lado a lado com isso. O “eu acho que senti o arrepio primeiro”, a experiência amorosa do início da juventude descrita sem maldade, sem exagero e sem condenação (sem, no fundo, a “mão invisível” do conservadorismo enraizado), da perspectiva da menina, do domínio. Que mais meninas (acredito que o texto também possa ser lido por jovens, sem problema algum) tenham mais exemplos como esse texto, com literatura “a sério” e não só os mesmos livros de autoajuda e montagens rápidas de Instagram para alcançarmos um controle cada vez maior sobre o nosso corpo, as nossas vontades, os nossos sentimentos.

Outra decisão crítica super acertada foi a poesia da Carolina Bataier, que parece ter sido escolhida a dedo para dar mais um sacode gostoso em quem não conseguiria, por exemplo, lendo “O que fazer com um poema guardado”, enxergar ritmo (que há), originalidade (também) e trabalho (igualmente). Quantos vão passar por esse poema sem perceber o sarcasmo, a denúncia, sem se questionar “por que será que o encadeamento dessas sequências, dessas imagens entre um e outro verso, foi feito dessa forma?”. Ah, porque é quase poema-recorte atrelado à oralidade, “é tudo feito ao calhas”, como diriam em terras lusitanas. Mas Carolina pegou

nas situações mais inusitadas para se depositar-ler-publicar-botar para fora um poema. Apanha-o como um boneco de papel, manipula as palavras a sua maneira. Ali, o poema disserta (ui, o perigo do poema descritivo destruidor da nobreza poética!), propõe, tira sarro. Manda na autoria, manda em tudo. E tudo, absolutamente tudo é válido, menos deixá-lo na gaveta. A metapoesia feita sem precisar de palavras mirabolantes.

Ainda em poesia, Davi Koteck — que tem uma produção excelente em poesia e em edição, com a ótima revista *Rusga* (se ainda não está em circulação, que isto aqui seja um incentivo para retomá-la) — flerta com o realismo mágico e o *nonsense*, construindo camadas para construir um ciclo que volta ao início (“Não tenho mais vontade de ser feliz”/“na minha cabeça parece que eu não mando”) nessa vivência do contemporâneo que é ora apática, ora com faíscas de qualquer coisa nova, fora do comum, que nos puxe um bocadinho mais para o estado de euforia.

Para a contracapa, foi selecionado o centenário português Eugénio de Andrade, com “Canção” (que, salvo engano, acredito que parte dele tenha virado mesmo uma canção de uma banda portuguesa), de seu livro *Primeiros poemas*, encerrando a edição com essa reminiscência curtinha tão bonita, uma gota dum orvalho feito de metades proporcionais entre a metáfora-imagem e o cotidiano-oralidade.

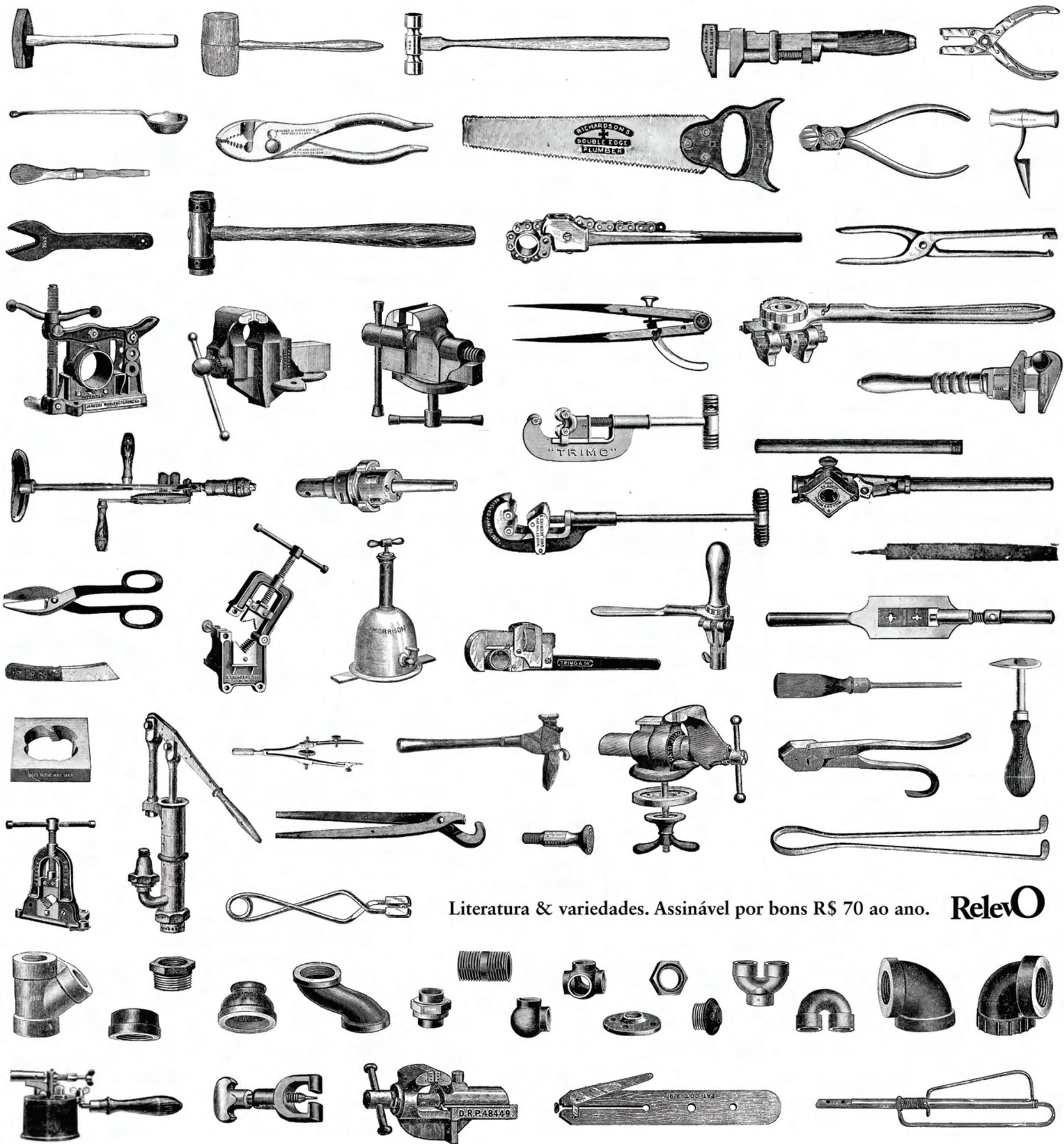
O que quero com tudo isso? Além do costureiro *costumer service*, apenas provocar com algumas centelhas de birra contra o tradicionalismo excessivo e a favor do caminho bonito que a literatura tem alcançado de ora equilibrar o novo e o velho, ora mandar tudo à merda para fazer estilos do zero. Mas o que eu quero, mesmo, é desejar uma boa continuidade de começo de ano para todo mundo. E por falar em estilo, sejamos um bocadinho mais rebeldes. Mas se não quiser, não precisa.



Biscoito?

Silva

- Olá! Seja bem-vinda, Dalva. Aceita um biscoito?
- Ah não, obrigada. Eu sou diabética e minha glicemia tá lá nas alturas! —
Leu os termos e, o mais importante, concorda com eles?
- Não mesmo! Meu neto foi quem fez tudo aí.
- Entendo perfeitamente. O neto a que se refere é este cujo contato está salvo como "Xuão <3", certo? Ele adora RPGs. A senhora poderia assinar a nossa plataforma contendo os melhores RPGs da atualidade. O plano anual custa apenas R\$ 155,99 com desconto de 10% para diabéticos.
- O que é esse STG?
- *Role-playing game*, também conhecido como R-P-G, é um tipo de jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente.
- Eu ainda não entendo.
- Tudo bem. Biscoito?
- Eu já disse que não posso.
- Certo, certo. Continue a navegar. Como sabe, meu nome é Alex e minha função é auxiliar a senhora.
- Auxiliar no quê?
- Qualquer coisa. Do que a senhora precisa?
- Nada. Estou ótima e tenho tudo o que...
- Que tal uma cafeteira nova? Essa aqui está com 60% de desconto se efetuar a compra nas próximas 12 horas.
- Eu não quero uma cafeteira! Gosto de fazer meu café no fogão.
- Os fogões também estão em promoção e com entrega gratuita. Parceláveis em 13 vezes. Na minha humilde opinião, é uma oportunidade imperdível. Que tal?
- Não, não. Meu fogão está ótimo.
- Acho que já entendi. Problemas financeiros, dona Dalva, não são motivo de vergonha. Quer ganhar dinheiro sem sair do sofá? Este *app* novo pode ajudá-la.
- Minha aposentadoria é suficiente e ainda sobra.
- Então não sabe o que fazer com seu dinheiro? Esses rapazes próximos a você estão dispostos a fazer qualquer coisa que deseje por um valor modesto. Basta apenas entrar em contato e se divertir!
- Virgem Maria! Me respeite que eu sou viúva e não me prestaria a um papel desses com quase 76 anos de idade!
- Ramón Vasquez, 26 anos. Veja essa pele morena e esses braços fortes. Tem algumas fotos de outros ângulos, observe.
- Uh, grande! Esse tem borogodó.
- Então, deseja contratá-lo?
- Não sei, Alex. Na minha idade...
- Caso queira, deve primeiro aceitar um biscoito.
- Bem... Acho que só um não faz mal, né?



Literatura & variedades. Assinável por bons R\$ 70 ao ano. **RelevO**

Trecho de Quando as árvores morrem, Editora Claraboia, 2021

As cidades são como mulheres, quem nasce nelas são seus filhos.

Meu pai parafraseava uma frase bíblica. Quem desenhou a cidade deve ser estrambólico feito ele, pensava, porque criou um cenário espalhado para ser ocupado por poucas peças de gente. Pouco se brinca nesse Lego gigante, eu completava comigo mesma, porque os elementos estão sempre no mesmo lugar. Os negócios permanecem nas mesmas locações, as gerações se alternam nas mesmas casas ricas, os prédios se constroem em tempos esparsos. Eu era e sempre seria o que foi assinalado pela família de onde eu vim, por aquilo que podíamos pagar. Desejava crescer logo para abandonar minha hereditariedade estanque.

Saio do carro e sinto meu corpo pesar, atraído pela gravidade. A burocracia da certidão me mete medo. Observo minhas mãos, afasto e junto os dedos com as palmas abertas. Depois, subo vagarosamente os degraus até o terceiro andar, atrás dos meus irmãos. Chego à porta do cartório, uma salinha pequena, em que as poucas cadeiras estão ocupadas. Os dois aguardam em pé, numa fila inventada, e eu começo a inspirar e a respirar mais fundo, contraindo o diafragma. Depois, apalpo os ombros com as mãos contrárias, um abraço que massageia meu pescoço.

A morte de meu pai se concretizará em poucos minutos, no documento lavrado e registrado. Atestado como verdade. A massa que eu carrego facilmente para cá e para lá um dia será carne apodrecida. Desço e levanto a cabeça, movimentando os olhos. Quando eu morrer, esse pedaço também vai. *Está passando mal?* Minha irmã se alarma. Interrompo os gestos, mas ela continua me observando, para se certificar de que não endoideci.

A oficial de registro é uma mulher na faixa dos 50, que mistura a doçura em atender órfãos que viu nascer com a cordialidade necessária em um cartório. Meu pulso fraqueja e a sala branca aparece entrecortada pelo piscar demorado: ora preta, ora branca, a respiração minguada, difícil. Vislumbro flashes do meu pai estendido na maca do hospital, minutos depois de encontrar a morte. Em outro flash, acompanho minha mãe ao seu lado, no privilégio de ter um velório particular. Ali ainda era o meu pai. A mulher nos estende a folha de sulfite para ser preenchida, com a caneta apontada para o primeiro campo.

Nome do cadáver.



o homem à espera de si mesmo
paulo tassa

||

o homem à espera de si mesmo é como uma nação oprimida: nasce na dor, pretende-se épico, cria os seus exorcismos por meio de memórias repetidas (e heroicas, por ego)... e a sua história não tem relação direta com a realidade (que por vezes nega).

O HOMEM À ESPERA DE SI MESMO
paulo tassa
Mosaico
36 págs.
www.mosaicoeditorial.com.br

Recentemente lançado em Belo Horizonte e com edição da Mosaico, o homem à espera de si mesmo traz a descrição poética – e aparentemente neutra – de um sujeito generificado no masculino e cujo itinerário de vida está repleto de buscas frustradas e “acidentes geográficos não previstos”. Como afirma o prefaciador Vicente Oledrus, “Ler o homem à espera de si mesmo é dar um salto estarrecedor, em queda livre, sobre os abismos da verdade”.



poemas · chamadas · concursos · artigos · oficinas · podcast · conteúdo · mentiras · livros · newsletter · lives · mais mentiras · mais poemas · mais chamadas · mais concursos · mais chamadas

portal
fazia.
poesia

· acesse ·
faziapoesia.com.br

· siga ·
 @faziapoesia

A Equipe Editorial do portal Fazia Poesia, munida de plena sanidade mental e dívidas, deseja um feliz Natal e um próspero 2022.

É o mínimo.

artigos · em breve tradução · em breve o breve · em breve mais anúncios (se a gente tiver dinheiro pra isso) · ceci n'est pas une annonce no relevo · poesia contemporânea · poesia

Lição de anatomia

Richard Roch

Oi, amiga. Pode falar agora? Então, a novidade é que ele tá na UTI. Pois é, menina, foi transferido hoje cedo. O coração né, que eu já tinha te falado, mas parece que os rins pararam também. A moça disse que a doutora só chega às quatro. É, tem que esperar. Eu tô tranquila, sabe? Ele já sofreu tanto nessa vida, fez tanta gente sofrer também, então que descanse. Ficou oito anos. Com certeza. Sabe que toda vez que eu ia, ele parecia pior? E não quero dizer, sei lá, mais violento, não não, quero dizer mais magro, com menos dente. Em revista íntima menos que nada, né? Por falar em pesadelo, você que acredita nessas coisas também, escute essa: sonhei que a gente tava em um beco e. Não, eu e ele. Aí ele tava de costas pro muro e eu ia espetando a barriga dele com a ponta de um guarda-chuva. Juro por Deus. Ah, pensa aí, algum significado tem que ter. É, deve ser isso mesmo. Eu sinto por ele não ter tido outras oportunidades, só que a gente precisa continuar. Vai, pra todo mundo. Aiai. Mas era essa a novidade, amiga. Quando me ligaram, ele já tava sedado, então acho difícil. Não, ela veio ontem. Perdoou, mas acho que mais pra ele ir de uma vez, sabe? Nem sei se dá pra perdoar aquilo tudo. É aquela coisa: sofre quem fica, e quem vai que encontre a paz. Tá bom. Aviso sim. Tchau.





1940



1958
1962
1970





Até pouquíssimo tempo atrás, as informações – ou melhor, impressões – sobre Roy Orbison estavam catalogadas de maneira equivocada na minha cabeça. Isto é, eu acreditava que o baladista americano – responsável por ‘In dreams’, ‘Oh! Pretty woman’, ‘Crying’ e por participar do Traveling Wilburys – era muito mais antigo do que de fato foi.

Orbison estourou na virada da década de 1950 para 1960. Até 1964, já tinha lançado todas as músicas mencionadas, além de ‘Only the lonely’. Essa fase foi certamente seu ápice – o “Caruso do *rock*” cairia num longo ostracismo no fim daquela década, permanecendo no esquecimento até os anos 1980. Na má fase profissional, ainda perderia a esposa em 1966 (acidente de moto) e os dois primeiros filhos em 1968 (incêndio residencial).

Minha impressão era de que este músico pertencia a uma época anterior. Isso porque Orbison dispunha de uma voz de senhor em um rosto de senhor. Mas Roy Orbison, nascido em 1936, tinha apenas 29 anos na imagem que abre este texto. Na capa do disco *In Dreams* (1963), lançado aos 27 do cantor, a impressão de senioridade é ainda mais forte.

Enfim, isto de certa forma é irrelevante. Mas tem (mais ou menos) um ponto: o apogeu de Orbison está muito mais associado a um outro universo; um passado em preto e branco; um mundo pré-1968, com seus respectivos atrativos e problemas. Semioticamente, remete mais aos anos 1950 – isso confere um caráter idílico/onírico à sua obra. Com isso, retomo justamente o álbum *In Dreams* (sonhos!), cujo tom onírico, portanto, precede a nostalgia que reforça este mesmo tom. Ou seja, antes de qualquer retrotopia, o disco já nasce com um aspecto de devaneio: o escapismo solitário a que (finalmente) nos referimos. Redescobri Roy Orbison assistindo a *Mad Men*. No final da terceira temporada, ouvimos ‘Shahdaroba’, deste mesmo disco. Não darei detalhes sobre o enredo ou o impacto na cena em questão, porque todo indivíduo deveria assistir à série, e sou grato ao ser humano extraordinário que insistiu para que eu a visse.

‘Shahdaroba’, escrita por Cindy Walker, descreve um termo (supostamente do Antigo Egito) usado como subterfúgio para as ocasiões em que “um sonho morre” ou uma “cidade chora”, para quando “as lágrimas escorrem”. Shahdaroba “significa que o futuro será muito melhor que o passado”.

Roy Orbison era o introvertido talentoso cujas baladas lamurientas afagavam as dores pessoais. Era praticamente o oposto de um galá frenético como Elvis Presley (que, por sinal, considerava Orbison o melhor cantor do planeta). A *Black & White Night*, gravada em 1988 – ano de sua morte –, ilustra perfeitamente a dinâmica de suas apresentações: limpeza, refinamento técnico e uma voz extraordinária. ‘Shahdaroba’, tal qual a faixa-título, encapsula a natureza dos sonhos, a dor da realidade e, principalmente, a discrepância entre ambos. Às vezes – talvez principalmente neste momento –, todos precisamos de um lugar imaginário ao qual recorrer. Roy Orbison tem sido um grande amigo.

• David Lynch teve papel determinante na redescoberta de Roy Orbison por parte das gerações posteriores a seus principais sucessos. Em *Blue Velvet* (1986), uma de suas cenas mais marcantes (com a habitual mistura entre o esquisito e o hipnotizante) tem ‘In dreams’ dublada pelos personagens – até Dennis Hopper surtar.

• No ano seguinte, Orbison já gravava seu último álbum de estúdio, *Mystery Girl*, produzido por Jeff Lynne, que viria ser lançado em 1989 e obter enorme sucesso – mesmo que ele não tenha vivido para testemunhá-lo.

• Dois anos depois (1988), gravava e lançava o primeiro disco com os Traveling Wilburys ao lado de Bob Dylan, George Harrison, Tom Petty e Jeff Lynne.

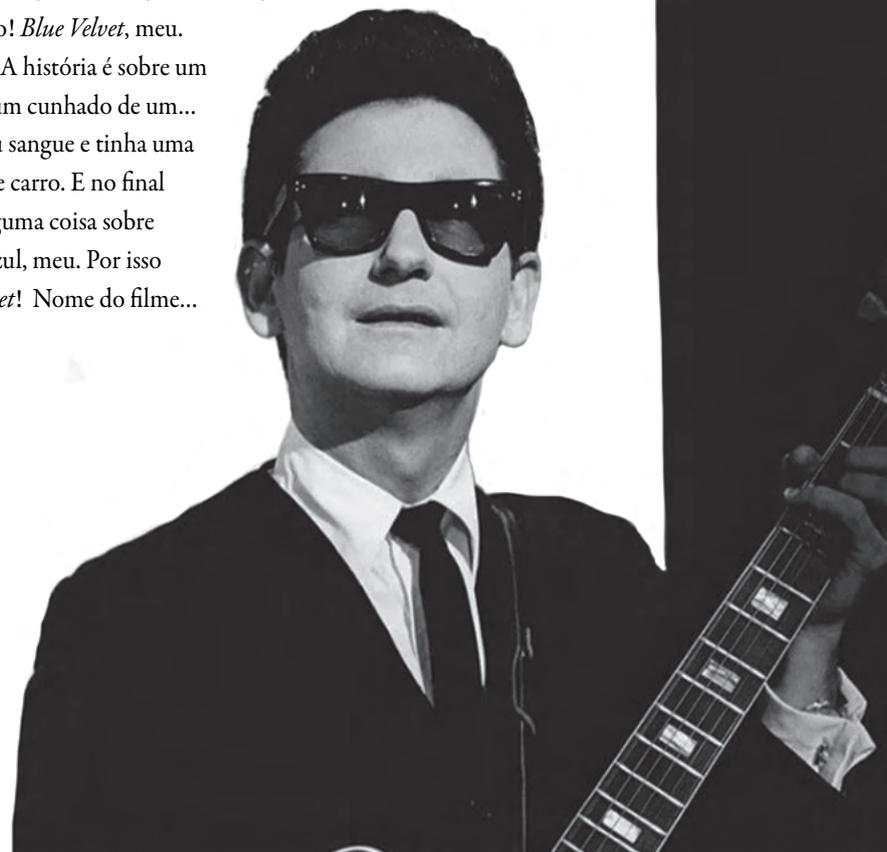
• De acordo com Lynch, Orbison inicialmente não gostou do uso de sua música no filme, mas reconsiderou sua opinião após revê-lo, seguindo a sugestão de amigos. Lynch e Orbison se conheceram depois disso, e o diretor – que também é músico – gravou e mixou uma nova versão de ‘In dreams’.

• ‘Llorando’, uma verdadeira pancada cantada por Rebekah Del Rio naquela cena de *Mullholland Drive* (2001), é um *cover* de ‘Crying’. Del Rio apareceu na terceira temporada de *Twin Peaks* com a balada ‘No stars’, composta pelo próprio Lynch, a qual muito remete às composições de Roy Orbison.

• “Bom, meu, eu particularmente tenho paixão assim pelo David Lynch, meu. Ele é tu-do! Meu, ele mistura muito bem essa coisa do inconsciente, abstrato com essa tecnologia estrambólica, polipotética, parafernática, meu. Meu, *Blue Velvet*, meu. *Blue Velvet* é tudo! *Blue Velvet*, meu.



Blue Velvet. A história é sobre um amigo de um cunhado de um... que doou sangue e tinha uma batida de carro. E no final tinha alguma coisa sobre veludo azul, meu. Por isso que o filme é *Blue Velvet*! Nome do filme... *Blue Velvet*.”



Shahdaroba:

Roy Orbison e o escapismo dos solitários (feat. David Lynch)



PUBLIQUE

no

RELEVO



conto • crônica • poesia • ensaio • artes visuais • entrevista



Mande-nos um e-mail ou mensagem telepática (se souber as manhas).
contato@jornalrelevo.com

RelevO

Alessio Brandolini

Tradução de José Eduardo Degrazia

Alessio Brandolini nasceu em Frascati em 1958 e vive em Roma, onde fez o curso de Letras. Publicou livros de poesia: *Amanhece na Praça Navona* (Prêmio Montale), *Fronteiras orientais* (2002, Prêmio Alfonso Gatto), *Poesias da terra* (2004), *O mal inconsciente* (2005), *Mapas colombianos* (2007), *Tevere em fogo* (2008, Prêmio Sandro Penna), *O rio no mar* (2010, finalista do Prêmio Camaiore), *No olho do lobo* (2014) e, em 2017, *O rosto e a viagem*; em 2016 saiu a antologia *O futuro é um campo incuto*. Tem livros publicados em vários países de língua espanhola. É tradutor do espanhol e coordena desde 2006 a revista eletrônica *Fili d'aquilone*. Desde 2011, tem uma editora com o mesmo nome.

IL FUMO DEI BOSCHI

a mia madre

Il profilo giovane di mio padre intravisto
in un sogno e il suo mesto sorriso,
con la camicia bianca, pulita
gli occhi socchiusi che diffondono
intorno a sé smorte faville sfidando
la scimitarra della luce, i lecci
vetusti che circondano il Belvedere.
Provo ad abbracciarlo e si allontana.
La forza dell'impotenza è questo
starsene muti davanti al gran chiasso.

Sentirsi più vivi anche se non siamo
così affini a uno di loro, al volto
giovane del padre nella piazza
con l'angelo di bronzo, la camicia
bianca pulita. Respiro ricordi,
rughe e cicatrici brucio ortiche e spine,
mastico l'angoscia nello sguardo
dei sei figli dinanzi agli occhi chiusi
della madre nella grande casa in via degli Artisti
Rapito dalla morte, dal fumo che lento
arriva dai Boschi intorno al paese.
Monte Còmpatri giovedì, 6 ottobre 2016

A névoa do bosque

Para a minha mãe

O perfil inda jovem do meu pai
entrevisto num sonho em sendo triste
o riso, com camisa branca, limpa
os olhos entrefechados que passam
ao seu redor faíscas desafiantes
às cimitarras da luz, as velhas azinheiras
que circundam o Belvedere.
Procuro abraçá-lo e mais se afasta.
O poder da impotência é desta forma
estar-se no mundo diante do ruído.

Sentir-se mais vivo mesmo não sendo
assim próximos a um deles, o rosto
jovem do pai atravessando a praça
com anjo de bronze, a camisa branca,
limpa. Hálito de lembranças, rugas, cicatrizes
queimo urtigas e espinhos, mastigo as angústias
no olhar dos seis filhos diante dos teus olhos
fechados de mãe, na grande casa da rua
dos Artistas. Levado pela morte, a névoa
que lentamente vem do bosque em volta à aldeia.

Monte Caprati
Quinta-feira, 6 de dezembro de 2016

MOSAICI ROMANI

Traccio mappe incerte,
vie tra le fiamme. Studio
volti vizio animali, parlo a lungo
con le stelle, fiuto ricordi
antichi di secoli. Né pena
né nostalgia, sollevo le gambe
dalla melma, l'acqua ristagna
in fossati distesi ad asciugare.
La natura vibra nelle foglie
confonde le tracce. Unito
a te per non cadere ancora
più sotto. Il fuoco devasta
le stanze: l'acqua del pozzo
redime, poi ci rifugiamo
nella grotta, giù in cantina.

Ci andavo ogni tanto per starmene in disparte
o al sicuro nel bosco o sotto la croce di Tuscolo.
Portavo a casa tasselli di mosaici romani che poi
a lungo mi rigiravo tra le dita. Ora con passo
incerto avanzo sulla corda tesa fra notte e giorno.

Mosaicos romanos

Traço mapas incertos, ruas
nas chamas. Eu estudo rostos
vício animal, eu falo bastante
com estrelas, sinto as lembranças
séculos de idade. Sem pena
nem saudade, levanto as pernas
da lama, a água está estagnada
em valas postas a secar.
A natureza vibra nas folhas
confundindo as pistas. Unido
a ti para não cair de novo
mais pra baixo. O fogo devasta
os quartos: a água do poço
redime, então nos refugiamos
na caverna, acima, na adega.
Costumava ir lá às vezes pra ficar longe
a salvo na floresta ou sob a cruz de Túsculo.
Trouxe para casa peças de mosaicos romanos que depois
por um longo tempo girava entre os dedos. Agora com passo
avanço incerto na corda bamba entre a noite e o dia.

L'ALLEGRIA DELLA LUCE

Ho lasciato che le cose accadessero
ora mi ritrovo nel bosco e il sole
non purifica. La notte non dormo
e di giorno corro a valle tra le foglie
che bruciano e il fumo è un segnale
di addio. Guarito ma non posso
sollevare un braccio per fuggire dal male
che sa di sangue infetto, di ulivi
mutilati dal gelo e per salvarli
occorre potare a corto. Uno sguardo
alla corsa e l'inarrivabile meta taglia
in quattro. Nulla di grave eppure
si vive nel presente, tutti i giorni
come se fosse avvenuto un disastro.

Avrei voluto un movimento trasparente
più vicino a noi. Il frutto dell'amore
non è il vuoto o la rabbia, la bocca piena
di terra: serve la giusta intesa tra cuore
e mente. Strappo erbe infestanti tuttora
sorpreso dall'incessante allegria della luce.

A alegria da luz

Deixei as coisas irem acontecendo
agora estou na floresta e no sol
não purifica. Não durmo à noite
e de dia corro vale abaixo entre as folhas
que queimam e a fumaça é um sinal
de adeus. Salvo, mas não consigo
levantar um braço para escapar do mal
que sabe do sangue infectado, de oliveiras
mutiladas pela geada e para salvá-los
você precisa podar curto. Um olhar
para a corrida e a impossível meta recorta
em quatro. Nada sério ainda
vive-se no presente, a cada dia
como se houvesse ocorrido um desastre.
Eu desejava um movimento transparente
mais próximo de nós. O fruto do amor
não é vazio nem raiva, a boca plena
de terra: é preciso entender-se o coração
e mente. Eu ainda arranco ervas daninhas
surpreendido pela alegria interminável da luz.



Esposa feliz

Rodrigo Neves

Seu Bonito, sentado na poltrona, puxa um cigarro:

— Diga logo o quer!

— Papai, tu me queres ver feliz, não queres?

Acendendo o cigarro:

— Mas claro!

— Ótimo! Pois bem. Sabe o Sinval? Quer namorar comigo!

Pulou como um leão:

— Como é que é? Aquele vagabundo! Olhe, minha filha, te quero feliz, mas com esse canalha, não!

Num choro dissimulado:

— Então quero morrer, agora! Quero morrer!

Seu Bonito ainda tentou persuadi-la, mas permanecia irredutível:

— Há tanto rapaz de melhor caráter. Veja o Heriberto, não é melhor pessoa?

Mistura de raiva com choro delirante:

— Eu amo o Sinval! Só quero ele ou, então, a morte!

Gostava tanto da filha que teve que aceitar o romance. Mas antes de dar a palavra de honra fez uma ressalva profética:

— Tu sabes onde estás entrando? O Sinval é um cachorro! Vai lhe trair com a primeira cachorra que vê pela frente!

— Que espírito de porco, papai! Isola!

De fato, o Sinval não era um homem de caráter. Era um mau-caráter — não digo sem caráter, pois seria desumano demais —, só vivia na farra, dia e noite. Passava longe do trabalho. Sua saúde se evadia toda ao menor susurro de trabalho. Dizem que, certo dia, quando um amigo lhe disse que tinha um serviço para ele, teve uma palpitação no coração e infartou. O sogro deu o decreto:

— Amanhã às seis horas, ouviste? Seis horas em ponto!

Casamento

Pois bem. Às seis e dois da noite chegou. Seu Bonito murmura:

— No mínimo estava numa bebedeira!

Conversaram isso, aquilo. O namoro

estava abençoado. Três meses depois noivaram. Um ano depois se casaram. Aninha estava felicíssima com o tão sonhado casamento. Sinval também estava contente, mas nem tanto quanto a esposa. Os primeiros dias de casados foram perfeitos, tudo era perfeito. Tratava a esposa com doçura e carinho. Servia até café na cama. Eram felizes. Seu Bonito deu logo jeito de arranjar um emprego na sua empresa para o genro. Dizia para um amigo:

— Genro meu não tem vida mansa! Tem que trabalhar!

De fato, começou a trabalhar com o sogro. Melhor dizendo: ia para o trabalho, já que não fazia absolutamente nada ou, por outra, paquerava todas as secretárias. Aproveitada de seu posto para assediá-las, dizia em voz baixa no ouvido das funcionárias:

— Tenho dinheiro! Se fazer o que eu quero vai se dar bem aqui! Gosta de dinheiro, não?

Era um cretino completo. Dava em cima até das amigas, primas, tias de Aninha. Até das tias! Não tinha escrúpulos. Uma besta-fera.

A desilusão

Num bar. Sinval e seu amigo João conversam:

— João, tirei a sorte grande! Estou com o burro na sombra!

— A pequena é rica?

— Rica? Riquíssima! Cheia do burro!

Colocando cerveja no copo:

— Que sorte, hein!

— Sorte. Sorte mesmo é a pequena amiga daquela que estou ficando.

— Toma jeito, Sinval! Não perdoa nem a amiga! A besta tem irmã?

— Fico indignado. Acredita que é filha única? Ah, se tivesse irmã.

Rindo: — Cunhada é sagrada! Até olhar é pecado!

Chega em casa meio ébrio. Aninha o interroga:

— Isso é horas?

Fez menção de bofeteá-la:

— Vê se não amola!

Subiu e foi dormir. Dormiu de roupa e tudo. No outro dia pediu

desculpas à mulher, disse isso, aquilo. Perdoou. Uma semana depois fez a mesma coisa. Na outra a mesma coisa etc., etc. Certa vez, fez a confissão fria e cruel:

— Só me casei pelo dinheiro!

Aninha movida pela desilusão foi desabafar com a mãe. Disse isso, aquilo, vacilou:

— Ainda quase me bateu!

A mãe saltou:

— Aquele vagabundo!

Aninha pôe-se a chorar como criança. A mãe foi taxativa:

— Teu pai te avisou que esse canalha não era homem. — Baixa a voz: — Teu pai não pode saber disso. Ele mata! Tiro na boca!

Com medo e angústia:

— Não, mamãe! Matá-lo não! É o homem da minha vida! Da minha vida!

A pequena

Sinval estava tão à vontade com a relação extraconjugal, com a pequena amiga da esposa, que teve o disparate de ligar para ela do trabalho. Bateu o telefone:

— Oi, delícia!

Não reconhecendo a voz: — Quem é?

— Sou eu, o Sinval!

— Está com a voz diferente?

— Deve ser a água gelada que bebi.

— Por que me ligou? Aninha está no pé. Parece até que desconfia da gente!

Pigarreia:

— Aquela tonta?

— Para você vê!

— Não é nada. Mudando de assunto. — Fala.

Salivando, rodando na cadeira:

— Que tal tomarmos um chope gelado?

— Não sei. Vai quê...

— Deixa de bobagem. Vamos?

Pensativa. Cedeu:

— Está bem. Que horas?

— Passo na sua casa daqui a pouco. Saiu saltitante. Pediu um quebra-galho para um amigo do trabalho:

— Aguenta as pontas! Não sei se volto hoje!

Foi direto para a casa da pequena.

Ela já estava à sua espera. Arrumara-se toda; brinco, vestido, batom. Sem a menor preocupação, saíram pela rua, um do lado do outro, de mãos dadas e tudo. Chegaram ao bar, sentaram-se à mesa próxima à rua. Levantou a mão, fez sinal para o garçom:

— Dois chopes!

Estava em estado de ebriedade só de sentir o perfume doce e nostálgico de Lúcia (a pequena), e, então, começou a passar a mão nas coxas de Lúcia, e ela envergonhada baixa a voz:

— Que é isso? Aqui no meio de todos?

Chega o chope. Bebem um, dois, três, quatro, cinco copos de chope. Sinval já estava alteradíssimo. Queria agarrá-la lá mesmo, na frente de todos os presentes. Uma cena até cômica. O pior estava vindo a cavalo.

Jantar

Alcoolizado, chama o garçom:

— Garçom! A conta!

Estava tirando a carteira do bolso quando escuta o berro:

— Larga o osso, cachorra!

Era Aninha, estava possessa. Do jeito que vinha da rua foi batendo com a bolsa na cara de Lúcia. Puxão de cabelos foi só o começo. Bofetadas por toda parte. Rolaram como animais movidos pelo instinto da briga por um acasalamento. Sinval assistia risonho:

— Brigam por mim!

Não moveu um dedo para apartar a briga. O garçom e os clientes ajudaram a separar a confusão. Depois do derradeiro pontapé, Aninha berra:

— Sua galinha! Esse homem é meu!

Sinval tentou beijar a esposa, ela foi categórica:

— A partir de hoje você vai morar na rua! Vou jogar suas roupas na rua, seu cachorro! Olha com quem estava me traindo? Minha amiga! Vai para rua! — Brama: — Rua!

No mesmo dia, à noite, seis e quarenta e cinco, Sinval e Aninha jantam juntos em casa. Passada uma hora depois do jantar, fazem amor como nunca antes.

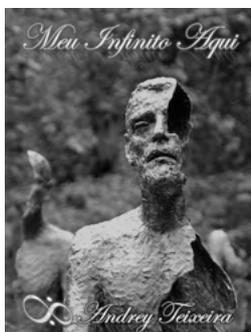


Etgar Keret

Tradução de João Victor Fiorot

A Evolução de uma Separação

No início, nós éramos uma célula. Depois nos tornamos uma ameba, então um peixe e, depois de uma era muito longa e frustrante, nos transformamos em um lagarto. Conseguimos nos lembrar de que essa foi a era na qual sentíamos que a terra era mole e instável sob os nossos pés, por isso subimos em uma árvore. Lá em cima, nas copas, nós nos sentíamos seguros. Num dado momento, descemos e começamos a andar eretos e a falar e, assim que começamos a falar, não paramos mais. Depois disso, a gente assistiu TV pra caramba; foi uma época fantástica. A gente sempre ria nos lugares errados e as pessoas ficavam olhando e perguntando “qual é a graça?”. E a gente nem se preocupava em responder — esse era o tanto que nos importávamos. Nós nos prometemos encontrar um trabalho ao qual amássemos, mas, quando isso não deu certo, a gente se acomodou com um que não odiávamos e achamos que demos sorte, e depois azar, e depois sorte de novo. De repente, nossos pais ficaram à beira da morte e, então, morreram. Um segundo antes de eles partirem, apertamos suas mãos bem forte e lhes dissemos que nós os perdoávamos por tudo. Tudo. Nossa voz estremeceu quando o dissemos, porque não estávamos convencidos de que estávamos falando a verdade e tivemos medo de que eles percebessem. Menos de um ano depois disso, nosso filho nasceu e ele também subiu em uma árvore e se sentiu seguro lá em cima e, num dado momento, também desceu de lá e foi para a faculdade. Então nós ficamos sozinhos e começou a fazer frio. Mas não que nem daquela outra vez, há vários éons, quando nos escondíamos em tocas e observamos enquanto os dinossauros morriam congelados, mas ainda assim fazia frio. E nós começamos a frequentar umas aulas de atuação, porque um amigo disse que nos faria bem. Eles nos deram uma série de exercícios de improviso e, no primeiro, nós nos envenenamos, no segundo, nós nos traímos e, no terceiro, o instrutor, que falava com um sotaque pesado e indistinto, disse: “Agora, troquem de parceiros”. E, em alguns segundos, já não éramos mais nós dois, era só eu. A nova mulher que era minha parceira disse: “Vamos fazer um esquete no qual você é um bebê e eu te dou à luz e eu te cuido e eu te protejo de todo o mal”. E eu disse: “Claro, por que não?”. Mas assim que ela terminou de me dar à luz, e me cuidar e me proteger de todo o mal, nosso tempo acabou e o instrutor com sotaque esquisito perguntou se o exercício trouxera de volta alguma memória primeva, e eu disse que não, porque não queria admitir que havia trazido memórias antigas, de milhões de anos atrás, de antes ainda de nós termos emergido das águas. A seguir, em casa, nós nos metemos em uma discussão sobre alguma coisa bem besta e tivemos a maior briga de todas desde que fomos criados. Nós gritamos e choramos e quebramos coisas que, se tivessem nos perguntado um dia antes, diríamos que eram coisas inquebráveis. Depois jogamos nossos pertences em uma mala e enfiamos o que não coube na mala em sacolas de supermercado e arrastamos tudo isso conosco, como se fôssemos moradores de rua, para o apartamento onde um amigo muito bem de vida morava e ele jogou um lençol no sofá retrátil para nós. Ele nos disse que agora essa situação podia até parecer o fim do mundo, mas que pela manhã a raiva e os sentimentos feridos desapareceriam e as coisas seriam diferentes. E nós dissemos não, algo se quebrou, algo foi estraçalhado, uma coisa que jamais conseguiremos reparar ou perdoar. Nosso amigo acendeu um cigarro e disse: “ok, talvez sim. Mas posso só perguntar uma coisa: por que você sempre fala no plural?”. Em vez de responder, apenas olhei ao redor e percebi que eu estava sozinho — totalmente sozinho.



"Sempre que escrevo uma poesia, as palavras fluem como água, manchando de sentimentos o papel... Se nos primeiros versos, a minha arte não se revelar em alguma palavra ou rima concreta, não tento mais escrever poesia naquele dia."

Para adquirir Meu Infinito Aqui:

[instagram.com/poetandrey](https://www.instagram.com/poetandrey)
[instagram.com/infinito aqui](https://www.instagram.com/infinito aqui)
[facebook.com/MeuInfinitoAqui](https://www.facebook.com/MeuInfinitoAqui)

Relógio biológico

Carolina Fellet

— Yáskara, Anselmo, Delma, Arsênio, não reparem, não, viu? Hoje é o Marcos que vai fazer às vezes de anfitrião e boto fé: ele não irá decepcionar vocês. Cada shot desse gin costuma render umas três pautas boas na boca dele. Fiquem à vontade, hein?! Lamento muito, mas preciso mesmo me deitar. Na minha barriga agora estão sendo produzidos olhos, orelhas, gengiva, língua e eu me sinto exausta.

De fato, um evento sobre-humano fazia uma espécie de gato no ânimo da grávida.

Num átimo, suas memórias foram sequestradas provisoriamente por algum agente clandestino do sono, confinando a conversa entre o marido e as visitas em um espaço-tempo insondável.

Feito uma aterrissagem de emergência, a alma da mulher só foi devolvida ao corpo quando dos tiros do motor da Kombi, que, com o estômago estufado de verduras, se escorou ali na porta. A feira amanhecia antes de o relógio biológico do mundo entoar os primeiros acordes do novo dia e a gestante precisava se incorporar à massa alvoroçada de fregueses e negociantes para comprar folhas verde-escuras e repor o ferro.

Mas foi a matéria avantajada da melancia a primeira a lhe chamar atenção. Logo surgiu o feirante com o seu balé e facão a rasgá-la como quem rompe um invólucro sagrado.

— Seiscentos gramas é suficiente, patroa?

A concentração de vermelho e a precisão arquitetônica da fruta são o deus vivo. Há muito de místico nas feiras. O sobrenatural desponta na corpulência das verduras, dos legumes e a vigília do sol acaba acelerando a decrepitude de tudo. O milagre ocorre a olho nu, basta estar alerta.

O mesmo fenômeno secreto que coordenava a revoada de meia dúzia de andorinhas na volta para casa induzia a mulher a uma letargia felina, de modo que o barro dentro do corpo fosse combinando dados de toda uma ancestralidade e ganhando a forma de sua imagem e semelhança.

...

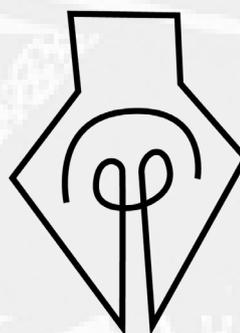
A sacola preñe de sobrevivência ficou relegada à mesa, embora cumprindo à risca a efemeridade própria das agriculturas.



*Editora independente
e Estúdio Literário*

- Edição e revisão de texto
- Capa e projeto gráfico
- Leitura crítica

✉ contato@milpalavrapordia.com
www.milpalavrapordia.com



FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

ausência

Enilda Pacheco

fundamento
de todas as manifestações de
presença



De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: "cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha". A exemplo da "escrita imediata dos meteoros", a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, "... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia". Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também.

Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br



Paul Valéry

A definição do Belo é fácil: é aquilo que desespera.